



Sem Greimas, com Greimas, após Greimas, cem Greimas*

Renata Mancini**

Resumo: Motivada pela convicção de que a maior homenagem que se pode fazer a Greimas é mostrar como sua proposta frutificou em termos de longevidade, vitalidade e alcance, apresento neste trabalho um breve relato do meu percurso de pesquisa, desde os primeiros contatos com a teoria semiótica até os desenvolvimentos teóricos propostos coletivamente dentro do LabS-Sedi. Dentre as questões apresentadas em linhas gerais, destacam-se: a leitura tensiva das modalidades veridictórias; algumas questões centrais do projeto sobre traduções intersemióticas e sua formulação em torno da recriação de um projeto enunciativo; um tratamento em graus da concessividade; e apontamentos para o que futuramente se desdobrará no projeto linguagens híbridas. Com o relato, espero contribuir para mostrar que a abordagem greimasiana dos fenômenos de construção de sentido renova-se no acolhimento dos novos desafios à teoria que, graças a sua coerência, mantém-se robusta e produtiva.

Palavras-chave: tradução intersemiótica, modalidades veridictórias, projeto enunciativo, graus de concessividade, linguagens híbridas

A capacidade de se espriar em diversos campos do saber e de perdurar, com ou para além dos modismos acadêmicos, é um forte indício de vitalidade e longevidade de uma teoria. Esse dossiê de homenagem a Greimas é uma ótima oportunidade para entendermos os desdobramentos atuais da semiótica discursiva no Brasil, espelhados nos percursos de pesquisa aqui relatados. Ao mesmo tempo, é um convite para fazermos um balanço do próprio caminhar nos meandros teóricos que nos constituem como semioticistas e moldam nossa visão de mundo.

A motivação para apresentar o próprio percurso de pesquisa, nesse contexto, é a convicção de que a maior homenagem que se pode fazer a Greimas é mostrar como sua proposta frutificou em termos de longevidade, vitalidade e alcance, na sua expansão em diversos grupos de pesquisa e inserções acadêmicas distintas. Espero poder, como outros colegas já o fizeram com seus relatos, contribuir para mostrar que a abordagem greimasiana dos fenômenos de construção de sentido renova-se no acolhimento dos novos desafios à teoria

que, graças a sua coerência de partida, mantém-se robusta e produtiva, apesar de ou graças a seu amplo espectro de proposições e encaminhamentos teóricos.

Estabeleço o ponto de partida para falar do meu percurso acadêmico no “sem Greimas” do título. Exceto por esse início, por essa passagem do *sem* para o *com* Greimas que se dá num gesto de negação, gesto este que funda uma nova ética individual e estabelece uma nova identidade para o sujeito desse percurso, vou procurar me concentrar nas contribuições que procuramos dar à teoria, no miudinho daquilo que é perseverar na academia – perseverar, que segundo Fontanille, é “continuar apesar de” (2015, p. 27). Início, portanto, no “sem Greimas”, quando ainda era bióloga molecular, sujeito em total disjunção com o saber semiótico, o que, naquele momento, nem se estabelecia como valor a ser buscado. Foi um *acontecimento* (cf. Zilberberg, 2007) que reconfigurou minha base perceptiva e me fez sujeito em busca dessa conjunção com a teoria greimasiana. E como todo bom acontecimento, concessivo por natureza, foi o acaso que me levou a

* O presente texto é fruto de uma palestra com o mesmo título, proferida durante o VII Seminário de Semiótica na USP (outubro, 2017), em Homenagem aos 100 anos de nascimento de Algirdas Julien Greimas (1917 – 1992). Por essa razão, conserva, em certa medida, marcas de oralidade e algumas menções próprias àquela situação.

** Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do LabS – Laboratório de Semiótica, que se integra ao SeDi/CNPq – Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso da UFF, do qual é uma das pesquisadoras associadas. Foi, até agosto de 2017, membro da diretoria da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES). Endereço para correspondência: (renata.mancini@gmail.com).

assistir, como ouvinte, ao curso de pós-graduação do professor Luiz Tatit. Esse curso abriu todo um novo universo de possibilidades para minhas inquietações, reconfigurando, assim, minhas escolhas acadêmicas e pessoais. No susto, e exatamente pela exacerbação da tonicidade que a configuração abrupta de um valor no *campo de presença* (Fontanille; Zilberberg, 2001) do sujeito representa, intuí naquela primeira aula o que depois veio a se desdobrar temporalmente na extensidade, após vários cursos e leituras na área, como algo claro para mim: eu era um sujeito na *mentira*, *parecia* bióloga, mas *não era*, apesar das boas sanções que recebia nas pesquisas de mestrado clonando *streptomyces* no Instituto de Biologia da USP, bacilos na Universidade de Beyreuth, na Alemanha, vindo já de uma experiência de anos clonando tabaco, na Universidade de Rutgers, nos EUA, onde me graduei em biologia molecular.

Vejam o que é a força de um acontecimento na reconfiguração da narrativa do sujeito. E quando digo que parecia bióloga, mas não era, embarco no mote das *modalidades veridictórias* para falar de uma das questões que foram tratadas no LabS, o Laboratório de Semiótica, constituído por meus orientandos de doutorado, mestrado e iniciação científica, que se integra ao SeDi/CNPq, o Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso da Universidade Federal Fluminense.

Propusemos, no LabS, uma leitura tensiva das *modalidades veridictórias*, em parceria com Vinícius Lisboa, que em seu mestrado fez uma análise da novela gráfica *Watchmen*, de Alan Moore. Quem conhece *Watchmen* sabe que se trata de uma teia narrativa densa, costurada pelo fio das modalidades veridictórias, o que fez com que precisássemos pensar em um refinamento tensivo que desdobrava a proposta original de Greimas em graus. A pergunta que nos motivou foi: “Todas as verdades e falsidades são iguais e se confirmam com a mesma exatidão? Todos os segredos e mentiras surpreendem com igual espanto?” (Lisboa; Mancini, 2018 – no prelo).

A tensividade pode ser uma medida para que se diferencie os *parecerese* os *serese* se entenda suas próprias articulações, pelo acréscimo de *mais* e de *menos*, e por sua posição na curva tensiva. Seguindo o raciocínio tensivo, é oportuno expandir os contrários *ser* e *parecer*, dando conta das situações em que Zilberberg (2011) diferencia que há hostilidades decisivas entre eles, os sobrecontrários, e situações em que há contrariedades menos hostis e distantes, os subcontrários.

Essa reflexão permite ir além de oposições binárias entre contrários, podendo conceber também suas variantes, mais ou menos extremas. Abandonar uma articulação binária dos contrários abre caminho para um tratamento gradual entre *ser* e *parecer*. Assim, podemos entender um *parecer muito* que difere de um

parecer pouco, e um *ser exatamente*, enfático, que difere de um condescendente *até ser*. Do mesmo modo, temos um *não parecer nadae* um *quase parecema* manifestação, e um *não ser de forma alguma* e um *quase serna* imanência. Desse modo, chegamos a uma proposta de intervalos que substituem o binarismo entre *ser* e *não ser*, na imanência, e entre *parecer* e *não parecer*, na manifestação.

A intenção de estabelecer essas diferenças entre o *ser* e o *parecer* e suas variações recrudescidas ou minimizadas aspectualmente é dar conta das diferentes verdades, segredos, mentiras e falsidades que podem ser elaboradas entre esses funtivos, agora acolhidos como intervalos, e, por isso mesmo, capazes de se diferenciar gradualmente para além das duplas de relações binárias. Ao definir, reconhecer e aproveitar os subcontrários e sobrecontrários do *parecer* e do *ser*, a proposta tem a intenção de amplificar os valores compreendidos pelas modalidades veridictórias, buscando os dois mundos que o autor descreve:

Se um acontecimento inscreve-se num universo que admite os sobrecontrários, a racionalidade idealizada para tratar um universo de subcontrários é recusada em nome da desproporção: o mundo do mais ou menos não está qualificado para descrever o mundo do tudo ou nada – e reciprocamente. (Zilberberg, 2011, p. 267)

Quando dissemos anteriormente que o *parecer* encaminha uma expectativa implicativa sobre um direcionamento, podemos diferenciar que o *parecer muitocria* um direcionamento mais tônico, uma expectativa mais alta que o *quase parecer*. Do mesmo modo, quando a confirmação do *ser exatamente* se dá, ela é mais precisa, mais exata que a do *até ser*, quase resignada. Se consideramos que a divergência entre o *parecer* e o *não seré* concessiva, podemos dizer, então que nenhuma mentira pode ser mais intensa que o encontro do *parecer muitocom* o *não ser de forma alguma*, quando a expectativa alta se quebra na revelação de uma mentira acachapante. Algo similar se dá com o segredo que se revela quando algo que *não parecia nadae*, no fim, *era exatamente*. No que diz respeito à verdade e à falsidade, elas evoluem em seu poder implicativo, conforme a alta expectativa se confirma com o julgamento perfeito, com o *parecia muito*, e *era exatamente*(verdade); e o *não parecia nadae não era de forma alguma*(falsidade).

Essas quatro possibilidades superlativas são as valências plena e nula, os auges da intensidade e da extensidade. Abaixo delas, teríamos um número de possibilidades ampliado se cruzássemos cada manifestação com cada imanência. No entanto, a ideia aqui não é propor um número fixo de possibilidades, e sim uma formulação que contenha um intervalo entre elas, mediado pelo acréscimo e subtração de *mais* e de *menos*. Assim, poderíamos dar conta de diferenciar

um parecer no qual o enunciador empreende um esforço sensível maior para que pareça muito, e um mais átono, em que há menos trabalho e precisão nesse sentido. Quando houver o julgamento do ser, termos, então, mais condições de descrever como este se instaura, modulando a experiência sensível.

Disse que assino essa proposta com Vinicius Lisboa, mas, de fato, cabe aqui uma outra consideração sobre meu percurso acadêmico. Devo admitir que tenho uma identidade complexa, em que mesmo sendo semiótica, continuo, em alguma medida, bióloga. Digo isso, porque muito do que apresento é fruto de trabalho coletivo, base da prática da pesquisa em biologia e que mantenho como semiótica. O LabS (Laboratório de Semiótica), composto, como disse, por meus orientandos, tem esse nome motivado pelos “lab meetings” (reuniões semanais para discutir o andamento das pesquisas em laboratórios de Biologia). Nos mesmos moldes, nos reunimos semanalmente na UFF para estudar teoria ou discutir os encaminhamentos das pesquisas dos orientandos (coletivamente), para além dos encontros individuais. E levo a assiduidade dessas reuniões coletivas com uma disciplina que só tenho para andar todo dia com meu cachorro, o Darwin. E quem me conhece sabe o quanto isso representa um nível altíssimo na minha hierarquia pessoal de valores.

A leitura tensiva das modalidades veridictórias abriu a possibilidade de levarmos adiante outros questionamentos do grupo relativos ao desenvolvimento do nosso projeto temático sobre traduções intersemióticas. Mariana Coutinho¹, por exemplo, procura se debruçar sobre o que entendemos como *graus de concessividade*, ao analisar as estratégias persuasivas na série televisiva *Game of Thrones (GoT)*, série apresentada no canal HBO, adaptada da obra *Crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin. Na série, tudo parece se organizar e se desenvolver exatamente a partir da “espera do inesperado”, fazendo coro e propondo uma continuidade ao que começou com Greimas em *Da imperfeição* (2002 [1987]), ganhou uma formulação tensiva com Zilberberg (2007), ao tratar do acontecimento, mas que ainda demanda alguma reflexão e um tratamento mais fino.

É interessante como o autor do livro, texto de partida da série adaptada, entende a abertura para a dimensão sensível facultada pela lógica concessiva. Numa entrevista, perguntam a ele o que torna *GoT* diferente. Ele responde: “Todos nós já vimos filmes em que o herói está em apuros, cercado de vários bandidos. Mas você sabe que ele vai ficar bem, por que ele é o herói. En-

tão, você realmente não sente medo por ele. Eu quero que meus leitores e expectadores sintam medo quando meus personagens estão em perigo”². Tanto o livro quanto a série televisiva parecem ter como elemento central de sua estratégia de textualização a gestão do susto, mais forte ou mais fraco, no caso da série, tanto no arco tensivo de um episódio, quanto no de uma temporada.

A prática de buscar na análise de objetos que desafiam a teoria o caminho para seu próprio desenvolvimento, é um procedimento caro para nós, inclusive por levar ao pé da letra a proposta da semiótica greimasiana que se estabelece como uma metodologia de análise de textos. É interessante como a abertura para os desafios que os objetos, cada vez mais complexos, impõem ao analista faz com que, antes de mais nada, a vitalidade da teoria esteja garantida, inclusive no que diz respeito à coerência de sua proposta epistemológica. Nesse sentido, você vê um mesmo problema teórico ecoando em diferentes pesquisas. Por exemplo, o que nós tratamos como graus de concessividade é o mesmo problema de base que Saulo Nogueira Schwartzmann³ vê quando procura teorizar o que chamou de “ruptura fraca”. Para nós, nem todo enunciado concessivo tem valor de *acontecimento*, que, no caso, seria apenas o arranjo concessivo tônico, ligado à valência paroxística (cf. Zilberberg, 2007). É bonito ver como os objetos vão chamando a teoria a reagir e, nesse processo, ela vai se adensando e se vitalizando.

Essa pesquisa, como dissemos, se enquadra no projeto maior do grupo sobre traduções intersemióticas, que se propõe a dar formulações pautadas na semiótica greimasiana a questões caras aos estudos de tradução e aos estudos de adaptação, procurando aproximá-los ao conceber ambos no mesmo quadro das traduções intersemióticas. Questões como o papel do tradutor e do intérprete, a discussão sobre fidelidade, invisibilidade do tradutor, tradução literal ou livre, intraduzibilidade, tradução x traição etc. ganham formulações limpas e econômicas quando nos baseamos em critérios semióticos.

Segundo nossa formulação, o que se traduz é o *projeto enunciativo* de uma obra. Tomamos por base a proposta greimasiana de que a existência de um texto implica uma relação dialógica pressuposta, entre um enunciador e um enunciatário, na qual o primeiro lança mão de estratégias de textualização que, ao mesmo tempo, se estabelecem e se moldam em função do perfil do segundo. Isso porque sabemos que “...o enunciatário não é apenas o destinatário da co-

¹ Doutorado em andamento no Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Título: *À espera do inesperado: Game of Thrones*, a tradução intersemiótica e a cifra tensiva. Orientadora: Renata Mancini. Início: 2015.

² Entrevista televisiva a Conan O'Brien. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ulUBDu_97z8&t=103s. Acesso em: 02 de out. 2017.

³ Doutorado em andamento no Programa de Semiótica e linguística geral da Universidade de São Paulo (USP). Título: *Tensão entre ruptura e continuidade na semiótica da pintura*. Orientador: Ivã Carlos Lopes. Início: 2014.

municação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a 'leitura' um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito" (Greimas; Courtés, 2012, p. 171). O projeto enunciativo é, portanto, esse conjunto de escolhas e estratégias das quais o enunciador lança mão, no processo de textualização, visando a otimizar seu fazer persuasivo em relação ao fazer interpretativo de um enunciatário que ele prevê no próprio modo de enunciar.

E como caracterizar o projeto enunciativo da obra de partida? A partir de critérios semióticos, como os arranjos narrativos – em que podemos prever programas narrativos dispostos em teia, em paralelo, em sequência etc. –; a hierarquia entre esses programas, o que determina um foco narrativo; o jogo de vozes, isto é, como o sujeito da enunciação se desdobra nas vozes projetadas no enunciado; a organização espaço-temporal; construção figurativa dos atores do enunciado, do tempo e do espaço, e sua relação com a temática subjacente que determina o direcionamento axiológico da obra. Todos esses elementos são parâmetros a serem levados em conta na descrição do projeto enunciativo de uma obra, tomados também a partir de suas cifras tensivas, com as quais se dá a construção de saliências e passâncias perceptivas, nos termos de Zilberberg (2006), a partir da gestão do *andamento* e *tonicidade* do conteúdo, em relação à mesma gestão da expressão, nas estratégias postas em prática no processo de textualização.

Seguindo essa linha, o *papel do tradutor* passa a ser um Jano, ao mesmo tempo enunciatário da obra de partida e enunciativo da obra de chegada, fazendo com que a composição dialógica do sujeito da enunciação se mostre de modo pleno no processo de tradução, algo que vale tanto para traduções intersemióticas como para as interlinguais.

Com isso, embarcamos na proposta de Walter Benjamin (2003, p. 102) para quem "a tradução é uma forma" e no original está a lei dessa forma, assim como no entendimento da tradução como recriação, como novo ato enunciativo que goza de alguma autonomia, em consonância com Haroldo de Campos (2010a e b). Para o autor, o conteúdo é apenas uma baliza da tradução que, em seu processo transcriador, deve levar em conta também os elementos de expressão.

Na esteira dessas considerações, já rejeitamos, com fundamentação teórica, algo que é debatido à exaustão nos eventos de tradução: a invisibilidade do tradutor que, para nós, é no máximo, efeito de sentido. O que está em jogo é a recriação de um projeto enunciativo em outro, visando a manutenção de alguma identidade da obra de partida na obra de chegada. O simulacro

de proximidade entre as obras é o que entendemos como *efeito de fidelidade*, podendo ser pensado como uma interface translúcida, em que é possível enxergar, em maior ou menor grau, uma obra na outra, apesar da opacidade inerente às suas diferenças.

A discussão da fidelidade, ou aqui do *efeito de fidelidade*, retoma o problema da gradação das modalidades veridictórias, uma vez que notamos que algumas estratégias do tradutor na concepção da obra traduzida/adaptada criam um *parecer* mais facilmente detectável de identidade com a obra de partida. A manutenção figurativa, por exemplo, faz com que a obra de chegada pareça mais próxima à obra de partida e é comumente tratada como "mais fiel", mesmo que, na verdade, outros elementos da estratégia do original, como foco narrativo, jogo de vozes e principalmente modos de engajamento sensorial, sejam desfeitos.

Essa identidade maior ou menor pode dizer respeito, inclusive, aos modos de engajamento sensível previstos por uma obra em relação a outra. Paulo Sousa Junior (2015), em seu trabalho de mestrado, se contrapôs a um certo senso comum ao dizer que as escolhas feitas na adaptação do jogo *Assassin's Creed* para romance, portanto, um jogo eletrônico que virou livro, não tinha nada a ver com uma suposta inferioridade – como diziam alguns com uma naturalidade desconcertantemente simplista – do livro em construir efeitos de interatividade em relação ao jogo, um objeto sincrético.

É claro que há na passagem da obra de partida à obra de chegada uma rede de coerções que podem ser de diferentes ordens. Podem ser coerções relativas às características de um modo prototípico de dispor o conteúdo em diferentes linguagens (por exemplo, a expectativa de um conteúdo acelerado na linguagem de quadrinhos), as potencialidades sensoriais distintas dos planos de expressão envolvidos, no caso dos objetos sincréticos, por exemplo. Podem também ser coerções relativas a um novo perfil de enunciatário buscado na obra de chegada. Barbara Tannuri⁴ mapeou, em sua dissertação também desenvolvida no LabS, que na tradução interlingual para o inglês de *Lavoura arcaica*, de Raudan Nassar, as passagens em que o impacto da profanação, figurativizada na relação incestuosa do personagem principal com a irmã e mãe, é atenuado para o público de língua inglesa, o que não acontece na tradução intersemiótica do livro para o filme homônimo dirigido por Luiz Fernando Carvalho.

Clóvis Saint-Clair, por sua vez, mostra como muitos dos *subtextos* (termo ao qual estamos procurando dar formulação tensiva), isto é, os não-ditos que dizem, os elementos de construção de surpresas e suspenses que se estabelecem como base narrativa e de construção de uma coesão textual geral, são desfeitos na série

⁴ Mestrado em andamento no Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Título: Tradução Intersemiótica – *Lavoura Arcaica*. Orientadora: Renata Mancini. Início: 2016.

televisiva adaptada da obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa. Sustentamos que as escolhas e estratégias ali mapeadas decorrem de um perfil de enunciatário mais passivo e conservador, motivado por questões mercadológicas e previsto no modo de enunciar mais implicativo da obra adaptada para a televisão. Um exemplo rápido do que estou dizendo, é a escolha de Bruna Lombardi para representar Diadorin, uma atriz símbolo de beleza feminina na época do lançamento da série, o que desfaz, em grande medida, a tensão central do romance em torno da sexualidade de Riobaldo. O mesmo mapeamento comparativo dos efeitos sensíveis mais salientes previstos na obra de Rosa, que estamos chamando de subtextos de GSV, está sendo desenvolvido em uma novela gráfica por mim. Já nesse caso, a coerção que determina mudanças mais marcantes parece ser da ordem das características intrínsecas à linguagem de quadrinhos.

Chego a um ponto importante que vai me levando ao final dessa discussão. Na busca de caracterizar os projetos enunciativos das obras de partida e chegada e de descrever as coerções características das linguagens envolvidas, nos deparamos com outra questão teórica, que diz respeito à relação entre os planos de expressão e conteúdo na função semiótica. Nos processos de tradução intersemiótica, parece que podemos mapear objetos semióticos nos quais há o que chamamos de equalização entre os planos de expressão e conteúdo e há aqueles em que há uma dominância de um em relação a outro. Essa característica, além de encaminhar o processo de tradução intersemiótica de modos distintos, abre também um problema que será tratado no próximo projeto temático, que colocarei como desafio ao LabS, intitulado “Linguagens híbridas”.

Os trabalhos de Lucas Calil⁵ e Raiane Nogueira Gama⁶ exemplificam bem esse limiar de transição de um projeto a outro. Lucas, que trata em seu doutorado da subversão do que intitula cânone da escuridão, parte de uma leitura tensiva da relação semissimbólica para mapear estabilizações nas relações entre expressão e conteúdo que são naturalizadas por práticas semióticas (Fontanille, 2015) ao longo do tempo. Raiane, por sua vez, estuda um caso limite de tradução intersemiótica: o jornalismo em quadrinhos, uma prática semiótica cada vez mais em voga. Neste caso, o que se traduz não é o projeto enunciativo de uma obra a ser recriada sob novas coerções da linguagem de chegada, mas sim as próprias características da linguagem jornalística na linguagem dos quadrinhos. Aqui cria-se uma tensão muito interessante e produtiva entre efeitos de realidade e ficcionalidade, que nos remete de volta às discussões tensivas das modalidades

veridictórias.

No projeto que se abre, vamos nos valer dos trabalhos de descrição das linguagens por nós já realizadas para pensar o processo de tradução intersemiótica. As características da linguagem de partida passam a ser simuladas na linguagem de chegada, de modo a construir uma nova linguagem híbrida em que os elementos característicos de cada uma se encontrem equalizados ou numa política de dominância branda.

Nosso encaminhamento do problema passará por trazer a noção de *formas de vida* (Fontanille, 2015), enquanto práticas estabilizadas a ponto de serem naturalizadas – a posição central da semiosfera para Fontanille (2015, p. 19) – para o entendimento de uma estabilização prototípica das características de uma linguagem. Em seguida, passaremos a pensar na construção do híbrido pela equalização (e não dominância de uma forma em relação a outra) dessas formas estáveis. Mas essa é apenas uma ideia de início que precisa ser melhor lapidada, mas que abre um horizonte promissor de pesquisa.

Isso me traz ao “*cem Greimas*” do final do título, no final do texto, em que nos valem de desdobramentos teóricos alcançados por seus continuadores nesse período do centenário, para, com certa circularidade e resignação, estar de novo em disjunção com o saber semiótico, agora de outra ordem, espero, a não ser que o professor Fiorin, ao meu lado nesta mesa, me sancione negativamente no que aprendi e propus ao longo desses anos de pesquisa. Neste caso, terminaria minha fala de volta ao início, no “*sem Greimas*”, o que, por si só, não deixa de, mais uma vez, ser um convite ao desafio de retornar ao percurso de busca.

Quero aproveitar a oportunidade também para fazer uma homenagem aos meus mestres. Luiz Tatit, meu grande destinatador, José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, adjuvantes inequívocos da busca por conjunção com o saber semiótico que, ainda bem, parece não ter fim. ●

Referências

- Benjamin, Walter
2003. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34.
- Campos, Haroldo
2010a. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva.

⁵ Doutorado em andamento no Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Título: Que das trevas se faça a luz: o nascimento do cânone. Orientadora: Renata Mancini. Início: 2014.

⁶ Doutorado em andamento no Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Título: Entre o factual e o ficcional: um estudo do jornalismo em quadrinhos como tradução intersemiótica. Orientadora: Renata Mancini. Início: 2015.

- Campos, Haroldo
2010b. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva.
- Fontanille, Jacques
2015. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas.
- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2012. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Lisboa, Vinicius; Mancini, Renata
(no prelo). *Uma leitura tensiva das modalidades veridictórias*.
- Souza Júnior, Paulo César
2015. *Entre jogador e leitor*: análise da adaptação de “Assassin’s Creed” para romance. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. 92p.
- Zilberberg, Claude
2006. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp.
- Zilberberg, Claude
2007. Louvando o acontecimento. Trad. Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. *Galáxia*, n. 13, PUC-SP.
- Zilberberg, Claude
2011. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.

Dados para indexação em língua estrangeira

Mancini, Renata

Without Greimas, with Greimas, after Greimas, hundred Greimas

Estudos Semióticos, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

Abstract: *Driven by the conviction that the greatest homage to be paid to Greimas is by showing how his project was successful in terms of its longevity, vitality, and reach, we present a brief account of my academic pathway, from the first contacts with semiotics theory up to some theoretical developments proposed collectively within LabS-SeDi. Among the topics, presented in general terms, some stand out: a tensive reading of the veridictory modalities; some central issues related to the intersemiotic translation project and its formulation around the re-creation of an enunciative project; a gradual treatment of concessivity; and some appointments about what will eventually unfold in the hybrid languages project. With this report, we hope to contribute to show that the greimasian approach of the phenomena of meaning construction renews itself in its openness to new challenges to the theory that, thanks to its coherence, remains robust and productive.*

Keywords: *intersemiotic translation ; veridictory modalities ; enunciative project ; degrees of concessivity ; hybrid languages*

Como citar este artigo

MANCINI, Renata. Sem Greimas, com Greimas, após Greimas, cem Greimas. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 22-27. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 10/01/2018

Data de sua aprovação: 13/02/2018
